

## O DISCURSO RELIGIOSO: ASPECTOS DE PERFORMATIVIDADE, AUTORITARISMO E RELAÇÕES DE PODER

### RELIGIOUS DISCOURSE: ASPECTS OF PERFORMATIVITY, AUTHORITARIANISM AND POWER RELATIONS

*Tatiane Xavier Da SILVA\**  
*Ivandilson COSTA\*\**

**Resumo:** O trabalho busca analisar o discurso religioso na perspectiva da Análise Crítica do Discurso, para compreender o papel da linguagem na condução da vida social, ressaltando a característica da performatividade do discurso religioso e o autoritarismo discursivo que permite a propagação de uma ideologia discriminatória em relação à homossexualidade e contribui para a manutenção de relações de poder existentes na nossa sociedade. Para isso, examinamos elementos linguísticos e discursivos presentes num culto da igreja Assembleia de Deus.

**Abstract:** The paper seeks to examine the religious discourse from the perspective of Critical Discourse Analysis, to understand the role of language in the conduct of social life, emphasizing the character of the performativity of religious discourse and discursive authoritarianism that allows propagation of a discriminatory ideology regarding homosexuality and contributes to the maintenance of existing power relations in our society. For this, we examine the discursive and linguistic elements present in a worship of the church Assembleia de Deus.

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso; Discurso Religioso; Homossexualidade; Discurso Autoritário.

**Keywords:** Critical Discourse Analysis; Religious Discourse; Homosexuality; Authoritative discourse.

### Introdução

Para Orlandi (1996, p. 252) o poder da palavra na religião é evidente, e “é o mecanismo de performatividade que atesta esse poder

---

\* Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil. Contato: tatiane\_284@hotmail.com.

\*\* Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco, Brasil. Professor do Departamento de Letras, Faculdade de Letras e Artes, Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Brasil. Contato: ivandilsoncosta@uern.br.

de forma clara”. A performatividade da linguagem está ligada a uma visão da *linguagem como ação*, que é um dos postulados da Análise Crítica do Discurso (ACD): todo discurso é uma forma de ação, ou seja, “toda enunciação constitui um ato (prometer, sugerir, afirmar, interrogar,...) visando a modificar uma situação”. Em Fairclough (2001, p. 108) destaca-se a característica da performatividade do discurso quando se diz que “alguns textos conduzem a guerras ou à destruição de armas nucleares; outros levam as pessoas a perder o emprego ou a obtê-lo; outros ainda modificam as atitudes, as crenças ou as práticas das pessoas”. O discurso religioso tem características que nos permitem investigar como um discurso tem a capacidade de determinar a forma como as pessoas agem, como se organizam em sociedade, já que as fórmulas religiosas são usadas performativamente, isto é, como forma de ação sobre o outro.

Assim, inserido numa perspectiva que busca compreender o papel da linguagem na condução da vida social, este artigo tem como objetivo analisar o modo como o discurso religioso dita o comportamento das pessoas em relação à homossexualidade através do autoritarismo discursivo, propagando uma ideologia que contribui para insuflar a discriminação e o preconceito contra homossexuais na nossa sociedade. Também buscamos analisar as relações de poder presentes no discurso religioso que tornam possível a um grupo ou instituição definir qual é o comportamento errado e o correto a ser seguido.

Para isso, seguiremos o modelo de análise tridimensional proposto por Fairclough (2001), segundo o qual há três enfoques a se considerar: texto, prática discursiva e prática social. Através deste modelo, procuramos estudar aspectos como: as principais estruturas do discurso através das quais as opiniões ideológicas se manifestam no texto; o autoritarismo presente no discurso religioso levando em conta a posição ocupada pelos participantes no discurso (uma relação de assimetria); as relações de poder na forma de como o discurso é produzido, distribuído e consumido.

Tal análise se fará a partir de um culto realizado na Assembléia de Deus da Penha, no Rio de Janeiro, gravado no ano 2005, e exibido desde então pela TV em canais abertos e comercializado em DVD sob o título de “Homossexualismo, aborto e células-tronco – a verdade que você precisa saber”. O culto foi ministrado pelo Pastor Silas Malafaia, que é vice-presidente da igreja e um conferencista internacional cada vez mais conhecido entre os evangélicos e não-evangélicos no Brasil e

no exterior. No nosso país é reconhecidamente o que mais vende CDs, DVDs e livros que explicam a “palavra de Deus”. Ele também é especialmente conhecido por sua intransigência na defesa dos dogmas cristãos, que determinam quais são os “verdadeiros princípios” a serem seguidos com total obediência pelos homens para que estejam de acordo com a vontade de Deus expressa na Bíblia.

### **Norte teórico: a Análise Crítica do Discurso**

A Análise Crítica do Discurso (ACD) é uma abordagem que tomou como base uma percepção da linguagem como parte irredutível da sociedade, interconectada a outros elementos da vida social (RESENDE; RAMALHO, 2006; RESENDE, 2009). Assim, a ACD abrange uma abordagem teórico-metodológica que atribui grande relevância à compreensão da linguagem na condução da vida social e preenchendo uma lacuna quanto à atenção até então dada ao discurso como elemento que molda e é moldado pelas práticas sociais (WODAK, 2004). A ACD, nesse sentido, considera o contexto de uso da linguagem como um elemento crucial, propondo, por exemplo, pesquisas voltadas para relações sociais de luta e conflito, materializadas por discursos como o institucional, político, em gêneros da mídia.

Nesse contexto, a ACD procura uma teoria adequada à ideologia, na perspectiva de como esta se processa na sociedade. Segundo Wodak (2004, p. 225), a ideologia é o fator de manutenção para que a sociedade e as classes sociais continuem com o ‘poder’, manipulando toda a massa social bem como usufruindo de certos benefícios sociais.

Por sua vez, a noção de ‘poder’ para a ACD consiste na manipulação de práticas sociais sediadas por classes dominantes em detrimento de classes menos favorecidas (FAIRCLOUGH, 2001), o que traz uma reflexão sobre a hierarquia também considerada pela ACD como fundamento para a análise das instituições midiáticas. A hierarquia, segundo Fairclough (2001), deve-se a práticas discursivas integrantes de práticas sociais. Estas práticas discursivas se apropriam da ideologia para estabelecer e manter a hierarquia:

Minha formulação da análise na dimensão da prática discursiva está

centrada no conceito de intertextualidade. Entretanto, minha formulação da análise na dimensão da prática social está centrada nos conceitos de ‘ideologia’ e essencialmente de hegemonia, no sentido de um modo de dominação que se baseia em alianças, na incorporação de grupos subordinados e na geração de consentimento. As hegemonias em organizações e instituições particulares, e no nível societário, são produzidas, reproduzidas, contestadas e transformadas no discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 28).

Além dessas teorias analisadas e particularmente formuladas para um estudo sócio-discursivo, a ACD leva, ainda, em conta os pressupostos de que: (a) o discurso é estruturado pela dominação; (b) cada discurso é historicamente produzido e interpretado, isto é, está situado no tempo e no espaço; (c) as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detém o poder (cf. WODAK, 2004). Van Dijk (2001), a esse respeito, assim se posiciona:

A Análise Crítica do Discurso é um tipo de pesquisa analítico-discursiva que primordialmente estuda o modo como o abuso, domínio e desigualdade do poder social são estabelecidos, reproduzidos e mantidos pelo texto/discurso em dado contexto sócio-político (VAN DIJK, 2001, p. 352).

Fica claro na afirmação de van Dijk (2001) e na reflexão que se fez nesta seção que a ACD não é apenas uma teoria linguística contemporânea, mas, ao passo que procura embasamento teórico para um estudo sócio-discursivo, também é um método de investigação social com fins práticos para a sociedade e classes sociais menos favorecidas nas práticas sociais. Resende e Ramalho (2006, p. 23), estudando a obra de Fairclough, concluem a respeito da ACD: “a visão e a análise linguística e semiótica, por sua vez, auxiliam a prática interpretativa e explanatória tanto a respeito de constrangimentos sociais sobre o texto como de efeitos sociais desencadeados por sentidos de textos”, que possibilitam externar classes dominantes e discursos para a manutenção de tais classes, e, em contrapartida, provocar a produção de discursos que possibilitem mudanças sociais.

Em suma, para a ACD, o discurso é tido como uma forma de prática social, realizada por intermédio de gêneros textuais. Isto tem as seguintes implicações (FAIRCLOUGH, 2001):

- (a) os indivíduos realizam ações por meio da linguagem;

(b) há uma relação bidirecional entre o discurso e as estruturas sociais, na exata medida em que o discurso é simultaneamente influenciado pelas estruturas sociais e as influencia;

(c) há uma preocupação com os recursos empregados na produção, distribuição e consumo dos textos, recursos sociocomunicativos, porquanto perpassados por discursos e ideologias.

Resenhando o trabalho de Fairclough, a esse respeito, Meurer (2005, p. 82-3) nos deixa bem a par da abordagem crítica de análise de discurso, pela exposição das seguintes perspectivas teóricas:

a) o discurso é uma forma de prática social em relação dialética com estruturas sociais;

b) o discurso tem poder constitutivo;

c) os textos contêm traços e pistas de rotinas sociais complexas, mas os sentidos são muitas vezes naturalizados e não percebidos pelos indivíduos;

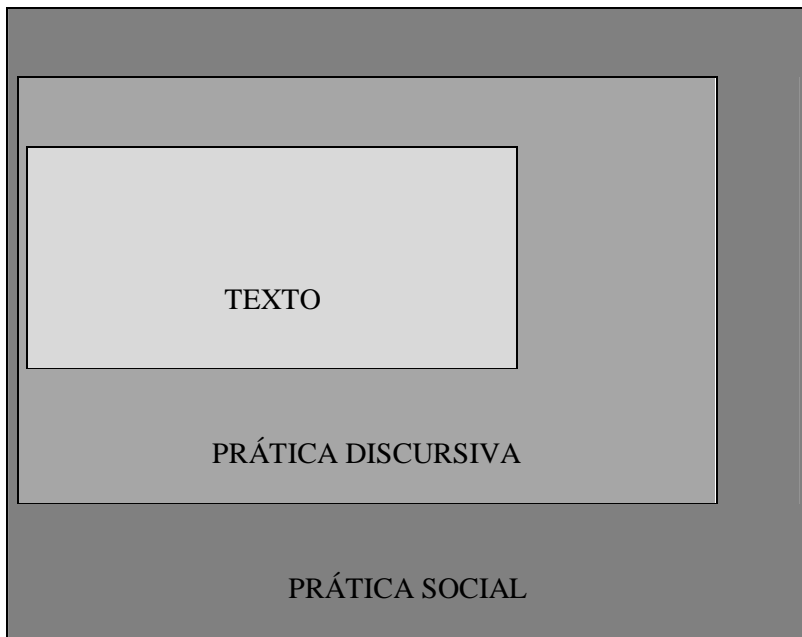
d) os textos são perpassados por relações de poder;

e) a ACD privilegia o estudo da interligação entre poder e ideologia.

f) os textos formam correntes: respondem a, e podem provocar ou coibir, outros textos.

g) a ACD cultiva uma perspectiva emancipatória.

Na primeira fase dos estudos em ACD, o método da *Teoria Social do Discurso* consistiu no trabalho de um modelo que considera três dimensões passíveis de serem analisadas:



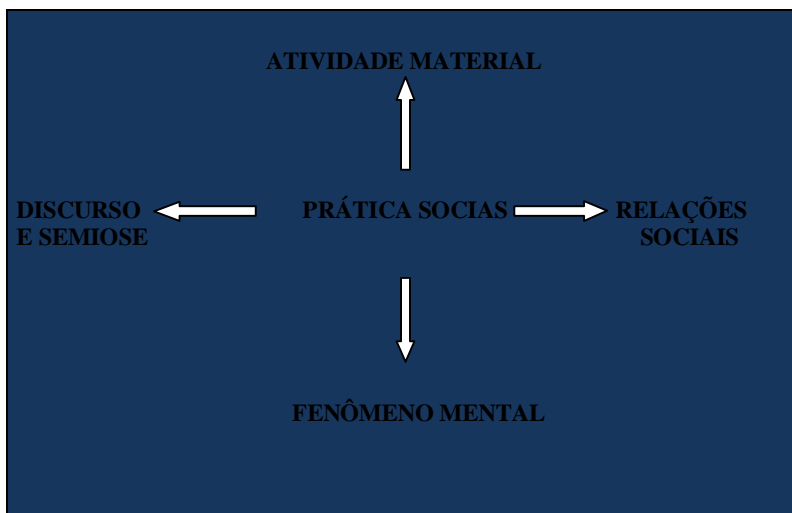
**Figura 1** - Modelo tridimensional do discurso segundo Fairclough (2001).

Segundo este modelo tridimensional, diferentes categorias analíticas se enquadram em cada uma das dimensões. Na dimensão do texto devem ser observadas as categorias de vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual, a fim de se observar a organização textual; na dimensão da prática discursiva devem ser examinadas as categorias de produção, distribuição, e consumo de textos, bem como noções como contexto, força ilocucionária, coerência e intertextualidade, a fim de verificar o modo como o discurso é distribuído e consumido pela sociedade ou por grupos sociais específicos; na dimensão da prática social devem ser observadas as categorias de ideologia, sentidos, pressuposições, metáforas, hegemonia, orientações econômicas, políticas, culturais e ideológicas, a fim de se observar a manutenção ou a mudança que o discurso produziu na sociedade ou em grupos sociais particulares.

Tal distribuição, categórica nas dimensões, serve para sistematizar a análise de forma didática, mas não quer dizer que não devam estar dispersas na análise. Conforme Chouliaraki e Fairclough (1999), a prática social é tida como integrante dos eventos discursivos, assim como a própria elaboração do texto. Tais dimensões são

mantidas pela dimensão da prática discursiva, que focaliza os processos sociocognitivos da produção, distribuição e consumo do texto e nos processos sociais resultantes da distribuição textual na sociedade (RAMALHO; RESENDE, 2006).

No entanto, em uma nova fase de análises em ACD, percebe-se uma descentralização do “discurso” para a centralização da prática social, sendo postulado que o discurso é um momento das práticas sociais (CHOULIARAKI; FAIRCLOUGH, 1999). Tal movimento na ACD se deu, segundo Ramalho e Resende (2006) e Resende (2009), por uma recontextualização da Ciência Social Crítica causada pelos estudos sociológicos da Modernidade Tardia e do Novo Capitalismo, em que a ACD necessitou focalizar-se nas práticas sociais, uma vez que seu interesse é, sobretudo, a mudança social (FAIRCLOUGH, 2001). Assim, concebeu-se o discurso como um momento dessas práticas, interconectadas dialeticamente a outros momentos não linguísticos, mas igualmente importantes para uma teoria-método que pretende ser emancipatória na luta contra hegemonias sociais:



**Figura 2** - Momentos da Prática Social (RESENDE; RAMALHO, 2006; RESENDE, 2009).

A figura 2 aponta para o discurso como um momento dialeticamente conectado a outros momentos da Prática Social. Nessa

perspectiva, o discurso é visto ao lado de outros momentos igualmente importantes, devendo também ser estes privilegiados na análise, pois, segundo Ramalho e Resende (2006, p.38), “o discurso é tanto um elemento da prática social que constitui outros elementos sociais como também é influenciado por eles, em uma relação dialética de *articulação e internalização*” (grifos das autoras), análise que ficou conhecida como bidimensional e que encara o texto e seus constituintes dentro das relações sociais, encontrados em múltiplas análises sociais (ORMUNDO, 2007).

A partir desta relação pode-se perceber a internalização de outros momentos da Prática Social no discurso, ou seja, outros momentos não linguísticos da prática Social podem ser internalizadas e consequentemente conhecidos no discurso, por este estabelecer relação dialética com os demais momentos, como as ideologias presentes no fenômeno mental que são externalizadas pelo poder constitutivo do discurso.

Em seu momento atual, a ACD disponibiliza, para as análises sociais, um trabalho transdisciplinar (FAIRCLOUGH, 2006). A partir de Chouliaraki e Fairclough (1999) a ACD ascendeu em uma escala de análise global ao se propor estudar não apenas práticas sociais isoladas na sociedade, mas entendendo que suas contribuições poderiam atuar em práticas sociais mais globais. Assim, internalizou em seus estudos o conceito de *modernidade tardia* de Giddens (1991).

Assim passou-se a privilegiar outros procedimentos de análise em que Fairclough (2006) afirma que a análise deve começar pela sociedade, e identificar na análise social três níveis de abstração: *eventos sociais, práticas sociais e estruturas sociais*. Fairclough (2006) afirma que a prática textual e a prática discursiva estão integrados a análises sociais e que textos e discursos são identificados e analisados dentro da análise social, por isso os três níveis de abstração são necessários para mostrar que a linguagem perpassa através da multimodalidade todas as práticas sociais e que continua sendo de interesse do analista a linguagem e consequentemente o discurso, pois este é evidenciado na análise social.

Os três níveis de abstração mostram como, por meio da análise social, é possível analisar textos, gêneros, estilos e discursos, levando o analista a continuar evidenciando práticas hegemônicas de dominação na sociedade dentro da globalização quando esta pretende

homogeneizar seus discursos nas sociedades de consumo inseridas na *modernidade tardia*:

Estrutura Social: Sistema Linguístico – Organização do Espaço Social; Organização das Instanciais Particulares na Globalização
Práticas Sociais: Ordem do Discurso – Gêneros, Discursos, Estilos.
Eventos Sociais: Textos – Ação dos agentes, Processos Econômicos, Político, Social, Cultural; O Poder articula-se na produção, distribuição e consumo dos textos.

**Figura 3** - Caminhos para Análise Social (ORMUNDO, 2007).

A figura 3 demonstra uma guinada nos postulados da Análise Crítica do Discurso, com o fortalecimento da análise da prática social. Nesse sentido, a centralidade do discurso passa a entrar em xeque, passando este a ser visto como tão somente um dos momentos das práticas sociais. Assim, temos, em um contínuo de abstração que parte do evento social para as estruturas sociais, passando pelas práticas. O evento social, o mais concreto dos níveis de análise social, concorre para todas as ações e acontecimentos que constituem o processo social. Nessa perspectiva, podemos, junto com Fairclough (2006), usar o termo texto para o momento discursivo dos eventos sociais. As práticas sociais apontam para o modo como as coisas são geralmente realizadas em áreas específicas da vida social são modos habituais, rituais e institucionalizados. Já a estrutura social caracteriza-se como o nível de análise social mais geral, mais relativamente permanente.

### **Análise Crítica do Discurso Religioso: a abordagem do tema da homossexualidade em um culto evangélico**

Para a nossa análise, abordamos apenas a primeira parte do culto, em que o pastor trata do tema da homossexualidade. Inicialmente, faremos uma análise das marcas lingüísticas mais perceptíveis no texto.

O primeiro aspecto que ressaltamos é o nível de informalidade que o discurso apresenta, pois, sendo um culto gravado para ser transmitido pela televisão, meio de comunicação que atinge uma grande parcela da população, deve englobar os vários níveis sociais. Assim, é utilizado no culto um vocabulário que pode ser facilmente

compreendido pelos vários segmentos sociais que possam vir a conhecê-lo.

Um importante aspecto relacionado ao léxico é a utilização de algumas palavras, que revelam ser escolhas com o objetivo específico de construir uma imagem negativa dos homossexuais:

[...] as centrais de jornalismo, as centrais de produção de novela estão **infestadas** de pessoas que têm a prática homossexual na sua vida. se a sociedade legalizar todas as **aberrações** ela se autodestrói. Porque todo ser humano precisa de limite.

A utilização das palavras “infestadas” e “aberrações” se revela um importante recurso utilizado para a propagação da ideologia: segundo o pastor, os homossexuais ‘infestam’ os lugares onde trabalham, *contagiam*, *contaminam*, *corrompem*, são pervertidos que estão no caminho errado. O pastor utilizou a palavra *aberração* ao falar sobre a possibilidade da legalização do casamento entre pessoas do mesmo sexo, e, quando diz que a sociedade não pode legalizar *aberrações*, afirma que os homossexuais são *anormais*, sofrem de desvio, aqueles que se desviam dos princípios verdadeiros.

Pela análise das palavras, vemos que a construção da realidade pelos grupos sociais se dá por meio de classificações e recortes: “nós, os evangélicos”, vs. “os outros, infieis que precisam conhecer o caminho certo”. O estabelecimento de representações não é pacífico nem consensual, mas conflituoso, pois se cada grupo ou indivíduo se compreende de determinada forma, a legitimação de uma identidade passa pela desqualificação de outras. No nosso caso, temos exemplos disso numa comparação utilizada pelo pastor:

A verdade, minha gente, é que querem mudar as leis, querem mudar os valores da sociedade porque um grupo da sociedade tem uma prática; agora escute: imagine se toda prática deturpada, pecaminosa, imoral, tem uma grande parcela da sociedade praticando, então nós vamos legalizar: “olha, legaliza a cocaína, porque tem gente cheirando cocaína de dar de pau”; “olha, legaliza o crack, porque tem gente usando craque a dar de pau”, olha, daqui a pouco vai vir alguém dizendo: “legaliza a pedofilia porque tem muita gente praticando isso” [...].

O pastor qualifica a prática homossexual como uma “prática deturpada, pecaminosa, imoral” que pode ser comparada ao vício e à

pedofilia. Dessa forma, difunde uma ideia que desqualifica completamente os homossexuais, através de uma visão preconceituosa e discriminatória sobre este grupo.

Outro recurso bastante empregado em seu discurso é a *paráfrase*: o pastor cita as palavras da Bíblia e dá a elas a sua interpretação, faz uma “tradução”, dá a sua versão:

Nós amamos todo tipo de pessoas, até bandido nós amamos, porque a Bíblia manda amar o próximo, manda-nos amar todo tipo de pessoa; nós amamos todas as pessoas; mas concordar com suas práticas, e aceitar suas atitudes, aí já é uma outra questão. Portanto, nós amamos os homossexuais, mas não aceitamos ou concordamos com a prática da homossexualidade.

Passagem Bíblica - Mateus, 22.39:

“Ame o Senhor, seu Deus, com todo o coração, com toda a alma, e com toda a mente. Este é o maior mandamento e o mais importante. E o segundo mais importante é parecido com o primeiro: Ame os outros como você ama a você mesmo.”

Vemos na fala do pastor uma referência ao trecho bíblico em que Deus manda amar o próximo, ao qual ele acrescenta a sua interpretação, pois, segundo a sua fala, deve-se amar o próximo, mas não se deve concordar com suas práticas – o que não está expresso no trecho bíblico a que ele faz referência, mas é sim a interpretação que ele deu às palavras. Assim, o pastor atribui às palavras bíblicas uma nova significação, que corresponde ao seu objetivo discursivo.

Por outro lado, no modelo de análise eleito aqui, é preciso levar em consideração não somente as marcas linguísticas perceptíveis, mas procurar também interpretar outros fatores, como a força ilocutória, a coerência, a intertextualidade, a interdiscursividade. Também levamos em consideração o modo como os textos são produzidos, distribuídos, e interpretados.

Para a ACD, a força ilocucionária é a ação social que o texto realiza, os “atos de fala” que desempenha (dar uma ordem, ameaçar, prometer); ou seja, é o propósito comunicativo do discurso ou sua intenção mais geral. No caso do discurso religioso analisado, entendemos que a força aponta para uma ordem: o pastor apresenta o comportamento correto que deve ser seguido, aquele que está de acordo com a vontade de Deus. Por exemplo, quando o pastor afirma

em vários trechos: “Eu estou aqui para falar a verdade!”, ele revela sua intenção, o propósito do discurso: “eu estou aqui para dizer que o homossexualismo é errado, é uma aberração, e por isso você não deve seguir esse comportamento.” Essa intenção de preceituar também é revelada no seguinte trecho:

Eu tenho certeza de que há aqui nesse auditório, ou alguém que está me vendo por uma fita, ou alguém que está me vendo pela TV, talvez você esteja na prática homossexual, e diga, “caramba, como esse pastor é violento, ele ‘tá me acusando, ele quer acabar comigo.” Não. Eu quero falar a verdade, [...] eu quero dizer pra você que tem o comportamento homossexual, que há uma saída pra você.

A “saída” apresentada pelo pastor para o homossexual é arrepende-se do “pecado” e passar a agir segundo seus preceitos, segundo suas palavras, que são a expressão da vontade de Deus.

A interdiscursividade e intertextualidade são estratégias utilizadas no discurso que funcionam para gerar coerência, e para convencer o receptor da verdade das proposições. A ACD caracteriza como a propriedade que os textos têm de estar repletos de fragmentos de outros textos. Esses fragmentos podem estar delimitados explicitamente ou miscigenados com o texto que, por sua vez, pode assimilar, contradizer ou fazer ressoar, ironicamente, esses fragmentos.

No texto analisado, verificamos que o pastor utiliza o discurso científico como um recurso que vai gerar seus argumentos:

Mas afinal de contas, o que é que dizem sobre a homossexualidade? Bem, alguns dizem que a questão da homossexualidade é uma questão biológica, genética: o indivíduo já nasce homossexual; significa então, dentro desse conceito, que a homossexualidade já um determinismo biológico [...] Mas deixa eu dizer pra você: nenhum cientista jamais provou ou vai provar que homossexualidade é uma questão biológica, ou genética. Não existe ordem cromossômica de homossexuais, existem cromossomos femininos e masculinos. O indivíduo heterossexual e homossexual do mesmo sexo tem a mesma ordem cromossômica. Não temos cromossomos homossexuais; não existe anatomia homossexual [...]; portanto, essa tese é furada; não há nenhuma prova científica; não há nenhuma comprovação, e jamais haverá [...] Não existe homossexualidade por questões genéticas ou biológicas.

Nesse trecho, se emprega o discurso científico que adota concepções deterministas em relação à homossexualidade para refutá-lo; em seguida, o pastor utiliza o discurso psicológico para afirmar que o comportamento sexual resulta da opção das pessoas:

Os psicólogos e os psiquiatras eles são unânimes em dizer que, mais importante do que a determinação genética para uma criança decidir a sua preferência sexual, é a maneira que ela é criada [...]; porque a homossexualidade é uma questão de comportamento. E se é uma questão de comportamento, homossexuais podem deixar de ser homossexuais e virarem heterossexuais.

Afirmar que o impulso sexual tem origem em fatores ambientais é justamente o que permite o controle das condutas sexuais pela promessa de *reversão* da homossexualidade – pois sendo uma questão de comportamento pode ser modificado. A concepção evangélica, assim, prega a possibilidade de modificação do comportamento homossexual por causa do aspecto da exterioridade da homossexualidade recorrendo a argumentos retirados da esfera discursiva científica e psicológica.

Castro (1987, p.31 *apud* PEDROSA, 2001) afirma que “todo discurso religioso (pela sua natureza) tem a ver com outro discurso religioso”. Para Orlandi (1996, p. 259), “o discurso teológico se manifesta como um comentário a um texto de origem, há sempre um dizer já dito, um redizer da significação divina”. No discurso religioso, esse texto base é a Bíblia. O recurso do intertexto (os excertos bíblicos) vem outorgar autoridade à fala do locutor, que, com isso, garante maior aprovação, maior aceitação e conformação às palavras de Deus. Exemplos:

A homossexualidade à luz da teologia e da palavra de Deus é uma rebelião consciente contra a ordem divina da criação. A homossexualidade à luz da palavra de Deus e da Teologia é uma distorção da imagem de Deus [...]; Levíticos 18:22 diz que : “aquele que se deita com homem, abominação é ao senhor. [...]” A Bíblia condena a prática homossexual no antigo e no novo testamento. A Bíblia condena a prática homossexual no antigo e novo testamento. Olha em Romanos capítulo 1, versículos 26 e 27[...]. Olhe o que diz a palavra do Senhor: “pelo que Deus os abandonou às paixões infames,

porque até suas mulheres mudaram o uso natural no contrário a sua natureza (homossexualismo feminino) e semelhantemente também os varões deixando o uso natural da mulher se inflamaram em sua sensualidade uns para com os outros varão com varão cometendo torpeza e recebendo em si mesmo a recompensa que convinha ao seu erro.

A Bíblia condena a homossexualidade quer no antigo ou novo testamento [...]. Leia a Primeira Carta de Paulo aos Coríntios capítulo 6, versículos 9-10: “não sabeis que os injustos não hão de herdar o Reino de Deus? Não erreis. Nem os devassos, nem os idólatras, nem os adúlteros, nem os efeminados (o homossexual passivo), nem os sodomitas (o homossexual ativo, até aqui a Bíblia faz essa divisão), nem os ladrões, nem os avarentos, nem os bêbados, nem os maldizentes herdarão o Reino de Deus.

O intertexto constrói-se como estratégia de autoridade e como advertência, colocando o receptor numa situação em que não há saída: ou ele segue as palavras de Deus, ou está arruinado.

Assim vemos que a *intertextualidade e a interdiscursividade* não se tornam manifestas sem motivos: quando se dá espaço para a outra voz no texto de maneira explícita, há a intenção de corroborar as próprias idéias a partir do enunciado do outro, pois as escolhas são motivadas.

Para examinar o texto no que diz respeito a sua produção, distribuição e consumo temos que investigar quem produz, distribui e interpreta os textos: quem escreve para quem, em quais circunstâncias e por quê; primeiramente, procuramos responder a pergunta: “quem é o produtor do texto?” E, como estamos inseridos numa perspectiva crítica de análise, esta pergunta vem acompanhada de outra: quem tem o poder de produzir esse discurso, de colocá-lo em circulação? Tendo em vista que, de acordo com a ACD, o poder é conceituado como o conjunto de assimetrias entre participantes nos acontecimentos discursivos, a partir da eventual capacidade desigual desses participantes para controlar a produção dos textos, a sua distribuição e o seu consumo, em contextos socioculturais particulares.

Ao analisar o contexto da nossa sociedade, vemos que não é qualquer pessoa que pode ministrar um culto, e veiculá-lo pela TV, mas somente o líder religioso (pastor/padre) possui essa “autoridade”, que advém da assimetria entre os participantes do discurso religioso: Deus é o sujeito central do discurso religioso cristão, o pastor ou o

padre são os responsáveis pela transmissão do discurso de Deus, e o povo ou fiel é apenas um receptor.

Assim, o pastor ocupa no jogo de interlocução uma posição de poder em relação ao povo/fiel, já que é aquele que faz a mediação entre o homem e Deus: ocupa na nossa sociedade o papel de “porta-voz” de Deus na terra. Como diz Orlandi (1996, p. 242-243) “o discurso religioso é aquele em que fala a voz de Deus: a voz do padre – ou do pregador, ou, em geral, de qualquer representante seu – é a voz de Deus”. Por isso, somente o pastor é a pessoa que pode interpretar as palavras de Deus, e prescrever o comportamento certo de acordo com a vontade de Deus.

Essa relação de assimetria, por sua vez, é assegurada pelo desnivelamento entre Deus e o homem: há uma relação de subordinação dos ocupantes do plano mortal com o espiritual: Deus (plano espiritual) é imortal, eterno, infalível, infinito; o homem (plano mortal) é mortal, efêmero, falível, finito.

Encontramos em Orlandi (1996) uma classificação do discurso em três modos organizacionais: o discurso lúdico, que se caracteriza pelo jogo aberto de interlocuções, contém uma persuasão moderada não utilizando a forma verbal imperativa e não propondo uma verdade única; o discurso polêmico, que produz uma atmosfera de instigação onde a relação dialógica já é mais restrita; e o discurso autoritário, propriamente persuasivo, enclausurando a verdade de um único ponto de vista e não admitindo questionamentos: não há espaço para interação entre locutor e interlocutor.

O discurso religioso é um discurso marcadamente autoritário, por causa da assimetria entre os participantes, que garante o sileciamento do receptor. Assim, pela desigualdade de papéis e de lugares que caracteriza o discurso religioso, aqueles que transmitem a palavra de Deus têm a possibilidade de instaurar formas de controle e de manipulação, já que estão transmitindo a palavra de Deus, e, afinal, Deus não pode ser questionado. O discurso aprisiona os indivíduos através do autoritarismo que os convence da existência de uma verdade única.

No texto analisado, encontramos marcas de autoritarismo quando o pastor procura assegurar o reconhecimento, por parte do ouvinte, da existência de um poder superior a ele e ao qual ele deve se submeter: ao pregar a idéia de que o homem é errado, falho, uma

simples criatura, mas que Deus possui o poder, diante do qual o homem deve reconhecer sua nulidade:

Deus é amor mesmo, porque ele perdoa o pecado de qualquer pessoa; porque todo mundo, a partir de mim, eu mesmo que estou falando, eu merecia era o inferno, mas a graça salvadora manifestada em Cristo Jesus pelo seu amor me livrou da condenação eterna.

[...] eu quero dizer pra você que tem o comportamento homossexual, que há uma saída pra você [...]. O senhor Jesus tem o poder de libertar você disso, meu filho. Se técnicas terapêuticas não funcionam pra mudar o comportamento homossexual para heterossexual, qualquer homossexual que reconhecer o seu pecado e confessar ao senhor Jesus, e obedecer à sua palavra vai ser liberto pelo poder do Evangelho de nosso Senhor Jesus cristo. Essa é que é a verdade.

O receptor reconhece o enunciador (Deus) como seu superior, perante o qual deve se submeter, numa relação assimétrica. Portanto, o discurso religioso é aquele em que o efeito é a total submissão do sujeito-cristão a forças que lhe são superiores. Dessa maneira, quando recebe esse texto, o receptor se vê compelido a interpretá-lo como a verdade, já que é a vontade de Deus expressa pelo seu representante. O gesto de interpretar um fato é o momento em que a ideologia surge, representando a maneira como o sujeito irá simbolizar a realidade em sua volta. A ideologia é entendida na ACD como uma forma de conceber a realidade que contribui para beneficiar certos grupos em detrimento de outros, que se liga à hegemonia, que é a continuidade do exercício de poder de uns sobre os outros.

No discurso religioso, o receptor é compelido a acreditar, pelo autoritarismo do discurso religioso, que só deixa dois caminhos: ou o receptor segue as doutrinas pregadas pelos intermediadores de Deus em troca da salvação, ou adota um regime de vida desvinculado das ideologias divinas pregadas pelos representantes devidamente autorizados, cometendo, dessa forma, pecados, tendo como sanção o castigo. Assim, é levado a adotar outra forma de conceber a realidade, a pregada pelo Pastor. O autoritarismo do discurso assegura a aceitação da ideologia por parte dos receptores, contribuindo, assim, para a hegemonia, que, no caso, é a continuidade do exercício de poder dos líderes religiosos sobre os fiéis.

Assim chegamos ao nível de análise que investiga como o texto contribui por parte de seus autores e usuários para a reprodução,

manutenção ou mudança de certas práticas sociais. No caso do discurso religioso analisado, vemos que o texto contribui para a manutenção da relação de poder e assimetria existente entre o líder religioso e o povo, e para a reprodução da situação de preconceito e discriminação que o grupo homossexual ainda vive na nossa sociedade, que devem ser vistos, de acordo com a concepção cristã, como anormais, aberrações, imorais, que desafiam a ordem natural estabelecida por Deus.

### **Considerações Finais**

Procuramos analisar as estratégias linguísticas e discursivas utilizadas pelo texto do pastor na propagação da ideologia, as relações estabelecidas entre os participantes para verificar o poder performativo da palavra no discurso religioso, que se torna autoritário pela relação de assimetria.

Constatamos que se trata de um discurso em que a interação é estabelecida de forma a tornar o dizer do enunciador único e inquestionável. Isso possibilita a dominação das intuições religiosas sobre o povo/fiel: a ideologia presente no discurso legitima a autoridade do pastor e da instituição religiosa, e desqualifica o grupo homossexual, vistos como anormais que precisam aceitar a palavra e arrepende-se do pecado: modificar seu comportamento e adotar o pregado pelo líder religioso, em troca da salvação.

### **Referências**

- CHOULIARAKI, L.; FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity. Rethinking critical discourse analysis*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.
- DIJK, T. van. Critical discourse analysis. In: TANNEN, D.; SCHIFFRIN, D. HAMILTON, H. (Ed.) *Handbook of Discourse Analysis*. London: Blackwell, 2001.
- FAIRCLOUGH, Norman. *Language and globalization*. London; New York: Routledge, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Discurso e mudança social*. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

GIDDENS, Anthony. *As consequências da modernidade*. São Paulo, UNESP, 1991.

MALAFAIA, Silas. *Homossexualismo, Aborto, Células-tronco: a verdade que você precisa saber*. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel. [2005]. 1 DVD.

ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 4. ed. Campinas: Pontes, 1996.

ORMUNDO, J. *Reconfiguração da linguagem na globalização*. 2007. 127f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

PEDROSA, C. E. F. *Discurso religioso: funções e especificidade*. *Soletras*, Rio de Janeiro, v. 14, 2001.

RESENDE, V. *Análise de discurso crítica e realismo crítico*. São Paulo: Pontes, 2009.

RESENDE, V. de M.; RAMALHO, V. *Análise do discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

WODAK, R. Do que trata a ACD – um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. *Linguagem em Dis(curso)*, Tubarão, v. 4., n. esp., p. 223-243. 2004.

*Recebido em 09 de julho de 2011*

*Aceito em 10 de outubro de 2011*